

ARAUTO



1966
Março
 ANO IX
 N.º 42

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
 Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: DR. TOMAZ DA ROSA

Redactores
 Carlos Frayão e Guilherme Pinto

Redactor Desportivo
 Tomás Manuel

Administrador
 Herberto P. Faria e José A. Rosa

Uma Tempestade

Era no Inverno, numa triste tarde de Janeiro. Cheguei a casa gelada pelo frio e meti-me no meu quarto para estudar ou ler, mas não consegui. Havia algo que me puxava para trás da vidraça.

A chuva caía cada vez mais forte, o caminho estava cheio de água que era atirada para os lados sempre que passava algum carro. Aqui e ali, uma folha amarelecida caída das árvores do jardim.

De vez em quando uma pessoa passava de corrida para logo se abrigar no vão duma porta e bem agasalhada por causa do frio.

Eis que passa um rapazinho pobre, descalço, mal enroupado, tiritando de frio e com certeza com fome.

FESTA DE CAMARADAGEM

No dia 2 de Fevereiro passado realizou-se no Ginásio do Liceu uma festa de Camaradagem da M. P. ao nível do 1.º clico, com a presença de muitos professores.

Houve recitativos e canções por vários filiados. A parte instrumental ficou a cargo do simpático grupo «SO4 H2» que cabalmente executou números adequados ao acto festivo. No fim serviu-se uma merenda.

Os estudantes passaram assim belos momentos de alegria sã, e agradeceram a colaboração dos Srs. Professores e a presença de bastantes membros do corpo docente do Liceu.

Isto faz-me doer o coração. Eu ali bem quentinha, e ele ao frio! E parece até mais satisfeito do que eu.

Os relâmpagos cortam os ares e logo depois se ouve o ribombar do trovão.

Esse faiscar produzia em mim um não sei quê de inquietante...

Acho a tempesta bela e ao mesmo tempo horrível.

O vento sibila e agita nas árvores as últimas folhas que teimam em manter-se firmes, presas dos ramos. Ao longe o mar vem

(Conclui na 3.ª página)

História Trágico-Marítima

Ó Mar! Doce palavra pronunciada pelas criancinhas na contemplação desta grande toalha de água, tão limpa e tão azul, que banha continentes, ilhas e ilhotas.

Querida palavra, pronunciada pelos estudantes em férias, desejosos de se banharem nas suas ondas frescas, quando o sol de verão parece queimar a pele e com as suas vagas de espuma beija as praias, convidando os encalorados a refrescarem-se.

Mas nós, estudantes, quando vamos a férias, quan-

do passamos tardes alegres nas praias, não nos lembramos das tragédias marítimas, de que este mar é causador. E mesmo na escola e no Liceu, quando ouvimos falar na história do heroísmo dos nossos antepassados, não nos ocorre o quanto sofreram os Portugueses. Mas nada perdíamos em meditar nos tormentos em que os nossos antepassados muitas vezes se viram caídos.

Eles foram os heróis na empresa de alargamento de Portugal e de expansão da fé cristã. Das suas viagens trouxeram-nos grandes conhecimentos geográficos, tornaram-se os senhores dos mares à custa dos maiores sacrifícios, desfazendo lendas que os antigos alimentavam a respeito do mar, que os nossos navegadores conseguiram sulcar em todas as direcções, chegando à África, Ásia, e América.

Sim! Os Portugueses alcançaram imortais triunfos com os navegadores da envergadura de Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Bartolomeu Dias e Fernão de Magalhães; este, apesar

(Conclui na 3.ª página)

GRUPO «AMIGOS DE OLIVENÇA»

Homenagem ao General Ferreira Martins e Inspector Ricardo Rosa y Alberty

Teve grande significado o almoço realizado na «Casa do Alentejo», de homenagem a dois dos seus mais antigos e devotados dirigentes, Srs. General Luis Augusto Ferreira Martins e Inspector Ricardo Rosa y Alberty, respectivamente Presidente e vice-Presidente do Concelho de Estudos deste patriótico agrupamento.

Elevado número de pessoas de várias categorias sociais reuniram-se ali, num sincero preito às excepcionais qualidades dos homenageados: o primeiro, ilustre e bravo oficial-general, combatente da Grande Guerra de 1914-18 e notável estudioso dos problemas históricos e militares, o

segundo, mestre querido e distinto de várias gerações.

Presidiu à sessão o Sr. Prof. Dr. Hernâni Cidade, Presidente da Direcção do Grupo, ladeado, entre outras pessoas, pelos homenageados e pelos Srs. Drs. António Luiz Gomes, Alberto Madureira, General Domingos Lemos e Rodrigues Pires.

Depois de lido o expediente pelo Secretário Geral, Sr. Luis de Sousa Guedes, usou da palavra o Sr. Coronel Pereira Botelho que vibrantemente se referiu à causa de Olivença, saudando depois os homenageados e salientando a obra por ambos realizada durante largos anos em defesa

(Conclui na 3.ª página)

Espectáculo dedicado a GIL VICENTE

Os Filiados da M. P. pretendem levar a efeito no corrente ano lectivo a representação de duas peças de Gil Vicente, para o que já começaram a trabalhar com grande entusiasmo,

A Pastorícia

Ainda é noite. Cintilam no céu algumas estrelas embora o dia se esteja aproximando.

Um homem caminha a largas passadas por um atalho estreito. Pelo modesto fato de montanhês, pelo cajado que uma das suas mãos calejadas segura, pelo saco que lhe pende do ombro e o canzarrão que segue a seu lado, deduz-se quem seja: um pastor.

Agora, lá ao longe, o horizonte tingi-se dum rosado maravilhoso.

É o romper da manhã.

O pastor nota-o e apressa o passo. As pastagens ainda ficam longe, o gado já deve esperá-lo.

Vislumbra-se já o recorte odulante e cinzento dos montes e os campos que exalam o odor forte e agradável característico da terra húmida.

Ele, o pastor, respira fundo e sorri feliz.

Dai a pouco um latido de cão fá-lo sorrir novamente. Todos os dias era assim. Ao chegarem perto da pastagem ele latia abandonando a cauda, contente, por se encontrar de novo junto do rebanho, e corria até à grande cancela inquieto por entrar.

Ao transpô-la, foram acolhidos pelos balidos dos cordeiros e ovelhas.

Dai a pouco começou o pastor a mungir o gado.

Só depois desta fatigante tarefa é que ele se sentou sobre a relva orvalhada e abrindo o saco que tinha trazido consigo tirou de lá um bocado de pão de milho e queijo e se dispôs a beber um pouco de leite fesco e ainda quente.

A refeição era bastante frugal, mas ele não se apercebeu disso.

O gado pastava agora tranquilamente, enquanto o pastor ia admirando a paisagem que o rodeava.

Ele não era instruído, não tinha uma sensibilidade cultivada e desenvolvida, mas apreciava à sua maneira a natureza e sentia-se feliz ao contemplá-la.

Aqui e ali flores rasteiras e multicolores aljofradas de orvalho abriam suavemente as pétalas para receberem a carícia do Sol. E nada mais cortava a monotonia da paisagem a não ser o rebanho que alvejava no prado verdejante.

Como tudo é tão natural, tão puro e tão belo!

E então ele sente-se feliz por ser pastor, liberto da inveja que domina tantos outros homens.

Ao olhar para o céu nota que o Sol já vai alto. Não tarda a chegar o meio dia e então ele terá de mudar o gado para outro sítio menos exposto aos raios solares.

O céu tem um lindíssimo tom azul e não se vêem vestígios de nuvens.

Pouco depois do meio dia, o pastor conduziu o gado para uma pastagem próxima com mais sombra. Deu água aos animais e depois, estendido na relva, adormeceu deixando de guarda o cão.

* * *

É a hora do crepúsculo! Nuvens alaranjadas e avermelhadas cobrem o horizonte. É o declinar do dia.

Agora o pastor, depois de arrumar o rebanho dentro da cerca, vem de regresso pelo mesmo caminho que tinha percorrido horas antes.

E, quando lá ao longe avista uma casinha e dentro uma luz de petróleo, o seu olhar ilumina-se com uma luz diferente.

Ele gosta da luz do Sol, mas aquela humilde luz de petróleo é mais para ele, aquece-lhe o coração e a alma. Aquela luz foi acendida por sua causa... São a mulher e os filhos que o esperam para ceiar à volta da lareira na cozinha.

É por eles que ele luta e se sente plenamente compensado dos enormes sacrifícios que tem feito e fará sempre, enquanto puder!

Maria Manuela Correia da Rosa

4.º Ano

UMA TEMPESTADE

(Conclusão da 1.ª página)

a toda a força bater nas rochas. E pelo ar vê-se a espuma que ele intermitentemente provoca.

Penso então: como tu és belo, oh mar! E como tu és terrível! E' grande o espectáculo que nos mostras. Mas pobres dos marinheiros que tu arrastas na tua doídice infernal! Pobres das famílias que ficam sem o seu chefe! Oh! pobres crianças que desde tão novas vêm a casa e sentem o coração coberto dum horrível luto. Tu, mar, simbolizas a minha alma cheia de sonhos, sonhos que me embalam, alguns, desde a meninice, e acalentados agora em plena juventude com mais fervor. Mas eis que tu bates contra as rochas que não te deixam ir mais além! E são tais os obstáculos que os meus sonhos também depaeram a cada passo, e que nem sempre posso vencer, voltando atrás abatida sob o peso da derrota, para, como tu, tornar a encontrar a agrura dum novo obstáculo ainda mais duro que o primeiro.

Nunca tinha pensado que te parecesses tanto comigo

como hoje, neste dia de tempestade.

Reparo agora no sibilar do vento e penso: Oh! vento, quererás levar-me? Gostaria de conhecer novos mundos! Leva-me a ver o que há de bom, mas oculta-me o mal. Esse, não quero vê-lo aonde me levares sonhando pois bem me basta a realidade quotidiana. Leva-me contigo a descobrir a verdadeira felicidade que reside no bem.

Mas não tenho tempo para pensar mais! Olho para o céu e o que vejo? O Sol reaparece no céu azul! A chuva tinha parado sem que eu desse por isso. Bom tempo! Que maravilha! Aquele céu azul enche-me de alegria. E' uma esperança que raia na minha alma até aqui angustiada. Raia-me a esperança de ver e sentir todos os meus sonhos realizáveis. Poderei acalentá-los mais uns tempos, por fim eles tornar-se-ão realidade. Obrigada, meu Deus, por me dares esta esperança. Sim, eu creio que foste Tu que ma deste.

Maria Luisa Cunha Luis

6.º Ano B

GRUPO «AMIGOS DE OLIVENÇA»

(Conclusão da 1.ª página)

da restituição de Olivença à Mãe-Pátria.

Seguiram-se no uso da palavra os Srs. Ayala e Costa, ilustre goês e antigo colaborador do Jornal «Heraldo de Goa» que, num brilhante e vibrante improvisado do mais alto sentido patriótico, defendeu a restituição de Goa, Damão e Diu, de que fomos expoliados injustamente; e o Sr. Dr. Alberto Madureira, que depois de saudar os homenageados, e a assistência, aludiu ao direito que Portugal tem sobre Olivença.

O Sr. Prof. Doutor Hernâni Cidade, depois de saudar os homenageados, a assistência e a Imprensa, fez largas referências acer-

ca do problema de Olivença e aludiu à justa e oportuna referência feita pelo orador, Sr. Ayala e Costa à antiga Índia Portuguesa. Em seguida foram oferecidas, pelo Presidente, lembranças aos dois homenageados.

Por último, depois de agradecerem emocionados a homenagem que lhes foi prestada pelo Grupo «AMIGOS DE OLIVENÇA», falou, primeiro, o Sr. Inspector Ricardo Rosa y Alberty que dissertou largamente e com muito brilho sobre a história de Olivença, e depois o Sr. General Ferreira Martins que fez curiosas referências sobre a reivindicação daquele pedaço de terra portuguesa.

ACTIVIDADES DESPORTIVAS DA MOCIDADE PORTUGUESA

Mau grado os anos transactos não terem atingido aquele fulgor que era de esperar no incremento da Educação Física, a nomeação do prof. Gaspar Neves veio pôr cobro a esse claudicante desenvolvimento, fazendo as actividades desportivas da M. P. tomarem novo rumo.

O prof. Gaspar Neves tem-se assim dedicado com afã à missão de que foi incumbido, não estando a sua acção restringida apenas às aulas que comporta o seu horário. Instituiu uma «classe especial» de Ginástica, que está a despertar

muito interesse por parte dos alunos voluntários que a constituem, e, decerto, em breve os seus frutos lhes serão patentes.

Tem organizado jogos recreativos para os filiados do 1.º ciclo, dos tais que sempre galvanizam toda a juventude — enfim, tem feito trabalho digno de encómios a demonstrar bem o seu empenho.

Desdobrando mais actividades desportivas da M. P. nesta temporada, lembramos no 1.º de Dezembro um Festival, que entusiasmou quantos ali ao Estádio acorreram. Claro,

como não podia deixar de ser, no seu programa estava incluído um encontro de Futebol, em que a turma do Liceu, formada à base de gente moça, patenteou muitas qualidades e possibilidades. A propósito, não temos dúvida de que uma pergunta andarà no espirito de muitos jovens: «qual o motivo por que não possuímos uma equipa de futebol, pois temos «matéria-prima» para esse fim? Sinceramente, nós também não sabemos! Na sequência do programa do Festival efectuaram-se duas gincanas, sendo uma de motos e outra de automóveis, que captivaram o interesse dos espectadores, tendo sido seguidas no meio de grande animação.

No mesmo dia à noite realizaram-se outras provas: uma «milha pedestre», um jogo de basquetebol e outro de hóquei em patins contra grupos externos.

Presentemente está-se a disputar o Campeonato Interno de Basquetebol, cujo

desenvolvimento, devido às más condições climatéricas, tem estado inibido duma continuidade permanente de jogos, não tendo por conseguinte, obtido entre o público, quer estudantil quer não, aquela expansão que seria de desejar.

No entanto, o torneio tem despertado entusiasmo entre a «malta», com toda aquela alegria que lhe é tão peculiar. São quatro equipas que estão em prova, sendo todas em parte constituídas por jogadores dos clubes associativos, prova essa que lhes permite uma «endurance» que será benéfica para os torneios de verão que os seus clubes terão de disputar.

Está assim sintetizado o que até este momento foram no presente ano, as actividades desportivas da Mocidade Portuguesa, as quais aliás, já lhe são apanágio de todos os anos e sempre merecedoras de todo o aplauso.

FERNANDO LIMA

Campeonato de Basquetebol da Mocidade Portuguesa

1.º volta

1.º jornada

6.º ano, 26 — 7.º ano, 28

Constituição das equipas:

6.º ano — João Castro (3), Carlos Ramos (19), C. Maciel, M. António, Câmara, Valdemar (4), e Gilberto.

7.º ano — Olavo Leite (2), Carlos Bettencourt (8), Vasco Capáz (6) e Helder Castro (12); Furtado e Gilberto.

5.º ano, 54 — 4.º ano, 22

5.º ano — José Machado (9), Jorge Dart, Victor (1), Tomás (38), Luís Pereira e Constantino (6).

4.º ano — Eduardo B. (8), Armando (4), Miranda, Raposo (4), e Simas (6).

2.º jornada

5.º ano, 28 — 7.º ano, 39

5.º ano — Jorge Dart, José Machado (16), Tomás (4), Constantino (6) e Victor (2).

7.º ano — Olavo L., Vasco C. (10), Carlos B. (8), Helder C. (21) e Furtado.

4.º ano, 29 — 6.º ano, 41

4.º ano — Eduardo B. (6), Pimentel (8), Simas, Miranda (3) e Armando (12).

6.º ano — Valdemar (4), Sérgio (25), C. Ramos (12), M. António e Gilberto.

3.º jornada

4.º ano, 23 — 7.º ano, 61

4.º ano — Armando (3), Pimentel (4), Miranda (4), Simas (7), Félix (2) e Eduardo.

7.º ano — Olavo L. (9), Vasco C. (9), Carlos B. (9), Furtado e Helder C. (34).

5.º ano, 32 — 6.º ano, 21

5.º ano — Luis P., José M. (16), Tomás (12), Jorge Dart (2), Constantino (2) e Victor.

6.º ano — Sérgio (5), Herberto Faria (4), Carlos R. (10), Pedro (2), Porto e Gilberto.

Classificação na final da 1.º volta

- 1.º — 7.º ano, 6 pontos
- 2.º — 5.º ano, 4 »
- 3.º — 6.º ano, 2 »
- 4.º — 4.º ano, 0 »

História Trágico-Marítima

(Conclusão da 1.ª página)

de ter trabalhado ao serviço da Espanha, não deixa de ser português e de ter aprendido a arte de navegar em Portugal. Os nossos pais fizeram tudo isto, mas sabe-se à custa de quantos sacrifícios, naufrágios, fomes que passavam, doenças, tempestades que durante as viagens surgiam, vendo morrer os seus companheiros, pensando não só na sua infelicidade como também na dor dos seus, mães, filhos e noivas, que ficavam sem ter quem lhes valesse. Sofreram isto tudo e muito mais, para engrandecer e dar honra à sua pátria. Sim! porque Portugal pode orgulhar-se dos seus filhos, os quais deixaram o seu nome bem gravado nas páginas da nossa história.

Glória, mas com muito

sofrimento, porque quem quer vencer tem de padecer. Tudo isto serviu mais tarde para inspiração dos nossos grandes poetas que não se esqueceram de salientar o sofrimento, a par do triunfo dos Portugueses. Todos nós vibramos ao ler os belos versos de Fernando Pessoa:

«Ó mar salgado,
Quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!»

E vibramos, porque neles, e em todo o poema a que pertencem, sentimos a evocação das tragédias que os nossos antepassados enfrentaram, para que Portugal fosse grande entre as nações.

O nosso povo salienta muitas vezes este aspecto trágico, nas suas criações poéticas, como «A nau catrineta».

Não há triunfo sem sofrimento.
Solange

BREVE APONTAMENTO SOBRE OS ASTROS

Nós sabemos, não só pelo que nos revela a tradição mas também pelo que nos revela a arqueologia, que o homem sempre procurou estudar os fenómenos celestes. Mas ele nem sempre chegou a conclusões certas e só através dos tempos conseguiu desvendar mistérios que até aí lhe haviam sido ocultos e assim aperfeiçoar os seus conhecimentos para finalmente chegar, nos nossos dias, à glória de dominar os espaços.

Durante vários séculos os astrónomos fizeram da Terra o centro de todo o Universo, teoria defensora do sistema geocêntrico. O Sol, portanto, girava à volta da Terra. Tal teoria não é de admirar, sobretudo se nos lembrarmos que, antes de Newton, a astronomia não tentava explicar propriamente as leis que regulam o movimento dos astros, mas apenas o movimento aparente do Sol.

O grande refutador desta teoria foi Copérnico, que defendeu o sistema heliocêntrico. No entanto, segundo parece, já antes dele a teoria heliocêntrica fora esboçada por Ptolomeu e Nicolau de Cusa (e como se vê alguns séculos a. C.), mas nunca fora baseada em provas sólidas — o que só Copérnico conseguiu.

Todavia, a doutrina deste astrónomo não foi logo aceite. Só depois de largos anos saiu vitoriosa das discussões de que foi alvo,

Segundo esta doutrina, as posições relativas do Sol, da Terra e dos outros planetas eram explicadas pelas situações que os astros do nosso sistema planetário ocupam em relação aos outros, desde que se suponha o Sol imóvel, e a Terra e os outros planetas descrevendo em torno dele órbitas elípticas de pequena excentricidade.

E' agora ocasião de fazer uma referência mais

pormenorizada ao nosso planeta.

A Terra é um corpo isolado no Espaço. Tem a forma aproximada duma esfera, cujo raio médio se calcula em cerca de 6 370 kms. E' sensivelmente um elipsóide de revolução, achatado nos polos.

A forma esférica da Terra é conhecida desde a mais alta antiguidade. Pelo menos era conhecida dos sacerdotes do antigo Egipto, pois foi deles que o primeiro grande astrónomo grego, Tales de Mileto, no sec. VI a. C., o aprendeu.

À volta da Terra, à distância de 386 000 kms., gira a Lua, astro 49 vezes menor do que o nosso, num percurso de 29 dias e meio, e que apresenta várias fases conforme a posição que ocupa em relação à Terra e ao Sol.

Dos outros astros que gravitam em torno do Sol, seis planetas eram já conhecidos na Antiguidade. Os outros três, Urano, Neptuno e Plutão, foram descobertos séculos depois.

Por grande que seja o nosso sistema planetário, é somente uma pequenissima parte do Cosmos.

O Sol é a estrela que mais perto brilha de nós. As outras estrelas, que refulgem na imensidade do Universo, tão longinquo se encontram de nós, por vezes, que os potentes telescópios continuam a vê-las como pontos insignificantes no Espaço, e de muitas delas desconhecer-se-á a existência, tão grande é o espaço do Universo.

Grande parte das estrelas agrupa-se na Via Láctea. Modernamente verificou-se que todo este mundo de estrelas gira à volta do centro de gravidade da Via Láctea. Mas têm, além disso, outros movimentos em relação às outras estrelas.

Resta-nos ainda dizer que o Universo está em cons-

tante expansão. Foi Lemaitre quem concebeu esta teoria, sustentando que os diferentes estados por que o Universo tem passado se têm sucedido numa continuidade surpreendente, até ao estado actual, a que outros se sucederão.

Os conhecimentos do homem relativamente ao Universo atingiram já um nível impressionante. Mas bastante mais faltará ainda conhecer nesse Espaço sem fim, maravilhosamente ordenado e sãbiamente dirigido pela mão do Criador.

Manuela Madruga

Bingos da M. P.

No dia 17 de Dezembro do ano transacto, no recinto do ginásio deste liceu, realizou-se um Bingo da M. P., em cujo programa, além de numerosas canções, e actos de variedade, estavam incluídas surpresas e sorteios, sendo de realçar o extraordinário número de pessoas que afluíram ao dito recinto, enchendo-o por completo.

Também organizado pelo Centro Escolar N.º 1, efectuou-se na Sociedade Amora da Pátria, em Janeiro último, um outro Bingo com variedades, o qual da mesma maneira registou uma grande afluência não só de sócios mas também de estudantes.

ÚLTIMA HORA!

Numa esplêndida temporada, em que não têm faltado filmes cujo principal tema é a *infidelidade*, surge mais um do género, mas que consegue ser *melhor* do que todos os outros:

Amor às Escondidas

No papel principal uma figura de pigmeu, mas possuidora dum coração enorme, onde cabem muitos amores:

«D. JUAN» GONZALEZ

- Um galã irresistível que, mesmo depois de reformado, não pode esquivar-se às arremetidas das admiradoras.
- Um homem que joga às cartas com o destino e que, fazendo muita batota, consegue ganhar sempre.
- Um detective particular que em vielas sombrias se vê às vezes na necessidade de mudar repentinamente de roupa.

Este filme, em principio, deverá ser estreado na nova casa de espectáculos

«Cinema da Quinta das Frutas»

N. P. — No intervalo do filme o conhecido actor «D. Juan» Gonzalez, que também é técnico experimentado em artigos eléctricos, proferirá uma interessantíssima palestra subordinada ao tema

«Importância dos termostatos na conservação do calor necessário à vida humana»

SONHOS

O que é um sonho? Todos nós sonhamos? Haverá várias espécies de sonhos? Sim. Uns são provocados pelo delírio em estado febril; outros surgem quando o espírito anda atormentado e alguma coisa nos pesa a consciência nas longas noites de insónia. Estes últimos são os pesadelos, os que nos fazem acordar sobressaltados e com uma má disposição. Mas há finalmente os sonhos no sentido de aspiração pessoal.

No meu conceito, um sonho é um ideal que nós tencionamos realizar, mas que vemos tão distante e que parece fugir. Nós corremos, corremos atrás dele, muitas vezes em vão, porque não chegamos a alcançar esse objectivo do nosso espírito.

Penso que todo o ser humano dotado de inteligência sonha. E o sonho do homem é quase sempre ambicioso, porque todos nós queremos triunfar e ser dignos perante Deus e a Humanidade.

Os sonhos de grandeza e de obtenção de uma vida construída sobre alicerces bem firmes ocorrem nas mentes floridas dos jovens. A sua alma não encontra obstáculos, mas sim uma estrada plana, sem curvas, de cujas bermas se exala o perfume das flores. E lá vão acariciados pela brisa de uma tarde Primaveril. Mas quantas vezes um jovem cheio de coragem, sem medir com a luz da inteligência os perigos que podem surgir de um momento para o outro, corre na esperança de que o seu mais ardente desejo se realize enfim, julgando ter os trunfos todos reunidos na mão para ganhar aquela grande etapa da sua vida e... de repente esbarra com um precipício.

Que tristeza! Que desolação! Que decepção! E isto porquê? Porque acontece isto mais nos nossos dias do que no tempo dos nossos antepassados? Não terão os jovens de hoje

uma moral mais morigerada e desenvolvida que os de antigamente? Talvez sim; mas a razão não será a de eles serem precipitados e de terem nascido numa era em que todo o mundo deseja chegar a um dos mais ambiciosos sonhos: o desvendamento do espaço? «Quem ao mais alto sobe...»

Por isso, jovem, toma cautela e mede os teus passos um a um. Não queiras cair no abismo onde poderás perder a vida, perante Deus e o mundo que te rodeia.

Porque não somos nós moderados nas nossas aspirações? Talvez se inclua na psicologia do homem o ser ambicioso, querer alcançar um lugar mais elevado e ser conhecedor de todos os mistérios! Aconteceu isto já com os nossos primeiros pais, ao colherem o fruto proibido por Deus.

... Eu também sonho. E que pretendo eu? Alcançar a meta sem dificuldade. Conhecer os vários ramos das Ciências Naturais e Físico-Químicas, ser dona dos segredos dos mares e dos continentes, acompanhar o dia dia a dia dos astros que nos rodeiam, enfim, aspirar a uma infinidade de coisas que vou embalando na minha imaginação.

Mas sonho mais do que isto. Sonho mais...

Maria Fernanda da Silva
5.º ano

As duas versões do descobrimento das ilhas do Japão

Portugal foi, sem dúvida, o primeiro país europeu a entrar em contacto com o Japão.

— Quando? Em que circunstâncias? E que portugueses lá chegaram primeiro, não se sabe ao certo.

Através dos séculos, os historiadores têm procurado resolver este problema; contudo pouco ou nada adiantaram. Existem duas versões, a de Fernão Mendes Pinto e a de Diogo Couto. Mas nunca se chegou a uma conclusão verdadeiramente positiva.

Fernão Mendes Pinto, ao contrário do que se pensou, apenas exagerava. Isto facilmente se deduz, atendendo aos seus profundos conhecimentos dos costumes asiáticos, bem patentes no seu livro a «Peregrinação», onde narra o descobrimento, ou pelo menos, a sua chegada ao Japão a bordo dum navio de corsários, com mais dois companheiros. Com um deles, Diogo Zeimoto passou-se um interessante caso. Estando ele a caçar com uma espingarda, coisa até então ali desconhecida, espantou de tal modo os Japoneses que logo correram a avisar o Nautaquim, Príncipe daquela ilha. Este, tocado pela curiosidade, em pouco tem-

po chegou ao paúl, onde Zeimoto caçava, e o seu interesse pela espingarda foi tal que o português, querendo ser-lhe agradável, lha ofereceu, e a seu pedido lhe ensinou como fabricar pólvora, recebendo em troca uma pequena fortuna e muitas honras. Pouco tempo decorreu para que os portugueses vissem a sua oferta imitada com exactidão, devido aos amplos conhecimentos dos Japoneses em ligas metálicas.

Diogo do Couto afirma mais tarde que uma tempestade, a que os nativos chamavam tufão, arrastou para o Japão três comerciantes portugueses que no seu junco seguiam rumo à China: António da Mota, Francisco Zeimoto e António Peixoto. Lá foram muito bem recebidos por serem homens de pele mais branca que os chineses, que vinham de terra em pequenas embarcações.

Estas duas versões harmonizam-se em alguns escritores do seguinte modo: os companheiros de António da Mota chegaram primeiro, mas Fernão Mendes Pinto e os seus companheiros também teriam aportado lá por esse tempo.

José de Freitas Diogo

São assim os Estudantes...

(Conclusão da 6.ª página)

Na aula de História

Esta passou-se numa turma do 4.º ano. A propósito da «Iliada», a professora perguntou:

— Quais são os heróis da «Iliada»?

Um aluno, que prontamente tinha posto o dedo no ar, respondeu:

— Vasco da Gamal...

PERSISTÊNCIA AMOROSA

Já na nossa última edição tencionávamos fazer referência ao simpático casal. Houve, no entanto, falta de espaço, e vimo-nos obrigados a adiar a dita referência.

De qualquer maneira, o que pretendemos é felicitar o rapaz pela sua persistência por todos os esforços que, durante tanto tempo empregou para entrar para o trio (agora é quarteto)...e pelo êxito que finalmente al-

cançou pois foi recebido e continua a ser assistido com um carinho estremo.

Sobre o aspecto cultural, parece que também poderá lucrar, pois talvez receba, gratuitamente é claro, algumas explicações de alemão.

QUEM É...

... a menina do 7.º ano de Ciências que há uns tempos se mostrou muito interessada em explicações particulares de latim?

São assim os Estudantes...

FINALMENTE!

Chegou até nós o filme há tanto tempo esperado e cuja realização andou encoberta e duvidosa por muito tempo!

AMOR E RITMO

Neste maravilhoso filme teremos a oportunidade de apreciar um novo e moderno ritmo para dança, do tipo «yé yé», magnificamente executado pela actriz principal

MANUELA LINDAREZ

e excelentemente acompanhado à bateria por

CARLOS de G. y PENEIREZ

Na parte dramática da filme queremos sublinhar a participação da actriz principal num choroso coro feminino que interpreta com muito sentimento a lacrimosa canção:
“TERCEIRA POR UM ÓCULO”

Última Hora: a projecção do filme, ao que parece, foi adiada para «nunca mais». Lamentamos.

Na aula de organização...

A professora, durante um interrogatório na turma de letras do 6.º ano, perguntou à aluna:

— Que doutrinas conhece?

Com toda a naturalidade, a aluna começou a enumerar as doutrinas que conhecia:

— A doutrina católica, a doutrina...

É caso para, como a professora fez, acrescentar:

— Doutrina católica, budista... e que mais?

Quem é...

... a menina do 6.º ano que não sabe qual das duas profissões tem mais atractivos: se a de sargento da armada se a de empregado bancário?

NOVA TÉCNICA

Vocês conhecem a nova técnica do T. para as suas lides amorosas?

É muito simples, mas o que não garantimos é o seu sucesso. Pelo menos ele não teve sorte.

Faz-se assim: aproxima-se uma pessoa da dama cujo amor se pretende alcançar e a determinada altura profere-se, pura e simplesmente, a seguinte frase:

— Hoje estou romântico!
E pronto! Está tudo arranjado!

Condições essenciais para que a técnica resulte:

1.º — Calçar um número inferior a 43.

2.º — Não ter tendências extremamente violentas como, por exemplo, desafiar para o pugilato, toda a tripulação de um navio.

O mal é o riso! Mas que doença

O rapaz tem muitas qualidades, tantas que o nosso jornal iria ser pequeno para as enumerar. Todos sabem disso. Até é costume, entre a malta, apontá-lo como um modelo de inteligência e é dos poucos jovens actuais que ainda não contraiu o terrível vício de «pregar batatas» a torto e a direito.

Por um tal retrato moral, já todos adivinharam que se trata dum «mosquito sem asas» (como ele não seria se tivesse asas...)

Pena é que a sua propensão para o riso o prejudique nos exercicios de ginástica... Ora oiçam lá esta conversa dele:

— Eu, na aula de ginástica, se não consigo fazer o «pino», não é porque não tenha força para me segurar! É que, como estou de cabeça para baixo, vejo as coisas ao contrário e isso dá-me uma tal vontade de rir que não me aguento..

O «mosquitinho»! Francamente!...

QUEM É...

... o menino do 5.º ano que é tão sábio que não se digna resolver as questões dos exercicios por elas terem «dadosa mais»?...

Vocês sabiam que o nosso policromado e muito ilustrado amigo do 7.º ano de Ciências anda sofrendo duma anemia? Mas isso, a seu ver, não o impede de continuar a manter um lugar de idolo no sector feminino.

Dizia-nos ele outro dia:

— Sabes, fui consultar o médico e fiquei a saber que sou duma anemia...

Nós observámos:

— Olha que andas mesmo com muito mau aspecto!
Resposta pronta:

— Ah! Lá isso é que não ando: ainda esta esta manhã recebi uma declaração de amor por escrito!...

Parece-nos que a doença dele é outra.

QUEM É?...

... o menino do 5.º ano que quer por as suas paixões num ambiente tão familiar, que não se importa de, com isso, ferir um amor fraternal?

Quem é...

... o menino do 7.º ano de Ciências com tendência para um amor «tipo excursionista»?

AMOR - INTRIGA - CIÛME - REALIDADE

CINE-INFIEL

Apresenta a grandiosa película faialense com mais de nove semanas nesta casa

... saiu... com
Carly Fray
Faty
Conmel

A história de um nazista que não sabe amar o seu anjo loiro.

Conmel interpreta a canção que a tornou famosa «Olhos Marotos»

Atenção

O Empresário tem a honra de comunicar ao Ex.º Público que será inaugurada nesta sessão o novo sistema de ar condicionado

- TERMOSTACTO -